

XXVI SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS

CONFLITOS E DIÁLOGOS
junho 2022 ufjf

CADERNO DE RESUMOS
CONFERÊNCIAS MINICURSOS COMUNICAÇÕES



Nestoris representando Antígona entre dois guardas diante de Creonte
Atribuída ao Pintor de Dólón
(390 a.C.-380 a.C.)
British Museum

XXVI Semana de Estudos Clássicos: *Conflitos e Diálogos*

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. **Marcos Vinicius David** – Reitor da UFJF

Faculdade de Letras

Prof. Dra. **Aline Alves Fonseca** – Diretora da FALE

Coordenação Geral:

Prof. Dra. **Carol Martins da Rocha**

Prof. Dr. **Fabio Fortes**

Comissão Organizadora:

Prof. Dr. Adir de Oliveira Fonseca
Júnior

Prof. Dra. Carol Martins da Rocha

Prof. Dra. Charlene Martins Miotti

Prof. Dr. Fábio Fortes

Prof. Dra. Fernanda Cunha Sousa

Prof. Dr. Fernando Adão de Sá
Freitas

Camila Weiss de Almeida
Christiano Pereira de Almeida

Filipe Cianconi Rodrigues

Gabriel Soares Rebello

Igor Fernandes Lopes

Isadora Belli

Jéssica Oliveira

João Victor Souza

Letícia Machado

Luíza Diniz Araújo

Matheus Pinheiro de Souza

Nina Rodrigues

Raphaella Nasser Rodrigues

Yan Sterck

Monitores

Aline da Costa Silva

André Fernandes Silveira

Anna Clara Figueiredo Lima

Bárbara Silva

Promoção e apoio

Programa de Pós-graduação em Linguística

Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários

Licenciatura em Letras – Português/Línguas Clássicas

Sumário

Apresentação	4
Programação	6
Resumos das conferências	12
Resumos dos minicursos.....	18
Resumos das comunicações.....	19

Apresentação

O tema do conflito, representado pela guerra, por exemplo, e do diálogo, que pode ser relacionado à paz, constitui um lugar-comum na tradição literária e filosófica dos antigos. Matéria por excelência dos poemas épicos, mas também tema motivador de discursos oratórios, de comédias e de tratados filosóficos, as inquietações diante de um mundo em conflitos e o desejo de paz percorrem toda a tradição clássica, tanto em grego quanto em latim. Paralelamente, também é notável a referência à linguagem e ao discurso no bojo dessa tradição: da proposição do diálogo como alternativa à guerra no *Górgias* de Platão; à célebre máxima do *cedant arma togae*, de Cícero (*De off.* 1.77), por exemplo, o diálogo também foi uma aposta dos pensadores antigos como uma forma de superação dos conflitos.

Não menos inquietante, entretanto, é como a questão se-nos apresenta nos dias atuais. A guerra e o conflito jamais deixaram de marcar a experiência humana; o diálogo jamais revelou-se tão necessário quanto agora. Os Estudos Clássicos não pretendem oferecer um mergulho solitário no passado para encontrar no mundo antigo um refúgio do presente, mas representam a possibilidade de (re)conhecer no legado clássico um dos elementos formadores do mosaico cultural que compõe a nossa identidade – de ocidentais, latino-americanos. Por essa razão, são

tanto iluminadores quanto desafiadores da nossa própria complexidade presente, que nos convida ao diálogo diante do conflito.

Nesse sentido, temos a honra de saudar a todos em mais uma edição da Semana de Estudos Clássicos da UFJF. Esse evento, o mais longevo da Faculdade de Letras da UFJF, iniciado ainda na década de 80 do século XX, realiza-se a cada dois anos. O objetivo é trazer à tona reflexões e discussões atualizadas sobre as diferentes disciplinas que compõem o campo dos Estudos Clássicos, promovendo a interlocução de diferentes atores: pesquisadores internacionais e nacionais, pós-graduandos, graduandos, comunidade externa. Após o intervalo de quatro anos desde o último evento – interrupção causada pela crise sanitária mundial que atravessamos desde 2020 –, a realização da edição deste ano representa também um reinício dos eventos presenciais da FALE/UFJF, que alegrem e mantêm viva a esperança de que esse espaço de estudo, de formação e de aprendizagem mantenha suas portas abertas à comunidade brasileira, cumprindo, da melhor forma, o seu papel social.

A comissão organizadora

Programação

MESA DE ABERTURA

20/06/2022, 19:00-19:30 (Auditório da FALE)

Profa. Dra. Aline Alves Fonseca – Diretora da Faculdade de Letras
Profa. Dra. Carol Martins da Rocha – Presidente da Comissão
Organizadora

CONFERÊNCIAS

20/06/2022, 19:30 – 21:00 (Auditório da FALE)

Conflict Resolution in Latin Epic

Prof. Dr. Martin Tobias Dinter (King’s College London)

21/06/2022, 19:30 – 21:00 (Auditório da FALE)

**Irene: un libro de trabajo basado en la literatura clásica para
la resolución de conflictos**

Prof. Dr. Ronald Forero Álvarez (Universidad de la Sabana,
Chía, Colombia)

**Clássicos para quem? Definindo novos cânones para o Brasil
do século XXI**

Profa. Dra. Leni Ribeiro Leite (University of Kentucky)

22/06/2022, 19:30 – 21:00 (Auditório da FALE)

O diálogo como teatro dos conflitos

Profa. Dra. Alice Bitencourt Haddad (UFF)

23/06/2022, 19:30 – 21:00 (Auditório da FALE)

Conflitos éticos e morais na construção mítico-literária de Reia Silva

Profa. Dra. Kátia Teonia Costa de Azevedo (UFRJ)

MINICURSOS

21 e 22/06/2022 (sala 2002); 23/06/2022 (sala 2004), 09h30 – 12h00

Guerra e *lógos* em Górgias de Leontini

Daniela Brinati (Doutoranda em Filosofia – UFMG)

21, 22 e 23/06/2022 (sala 2007), 09h30 – 12h00

Ópera: arte total – O teatro grego como fonte e inspiração

Prof. Esp. Rodolfo Vieira Valverde (IAD/UFJF)

21/06/2022 (sala 2004); 22 e 23/06/2022 (sala 2003), 09h30 – 12h00

História da Linguística na Antiguidade: um capítulo sobre Santo Agostinho

Prof. Dr. Fernando Freitas (UFJF/professor substituto)

SESSÕES DE COMUNICAÇÃO

22/06/2022

Sessão 1 – Sala 2030 – 14:00-16:00

- Ralé Homérica: expectativas sobre escravizadas do sexo feminino na *Odisseia* (Anna Clara F. Lima | UFJF)
- “O golpe tá aí”: o ardil de Hera e a conjuntura do casamento no canto XIV da *Ilíada* (Bárbara Gonçalves da Silva | UFJF)
- Profecia e alteridade nas aventuras de Odisseu (*Odisseia*, 8-13) (Gustavo H.M. Frade | UFMG)

Sessão 2 – Sala 1029 – 14:00-16:00

- O duelo verbal entre Tranião e Grumião na peça *Mostelária* (Raphaella Nasser Rodrigues | UFJF)
- Alusões à poética no *Contra os Acadêmicos* de Agostinho (João Victor de Souza Silva | UFJF)
- O “signo linguístico” no *De Magistro* de Agostinho de Hipona (Talles Augusto dos Santos | UFJF)

Sessão 3 – Sala 2027 – 14:00-16:00

- Ἰσοκράτην παράδειγμα τῆς ῥητορικῆς τέχνης φέρειν: os usos da obra de Isócrates na *Retórica* aristotélica (André Bertacchi | UFJF)
- A aquisição dos primeiros princípios nos *Analíticos Posteriores* de Aristóteles (Christiano Pereira de Almeida | UFJF)

Sessão 4 – Sala 2030 – 16:15-18:15

- Piedade aos olhos do poeta e do filósofo: dois confrontos com a tradição (Chafei de Paula Aiex | UFJF)
- A necessidade do outro na busca do autoconhecimento e da liberdade no *Primeiro Alcibíades*: uma análise crítica (Igor F. Lopes | UFJF)

Sessão 5 – Sala 1029 – 16:15-18:15

- Releitura da feiticeira homérica Circe em Madeline Miller (Gabriela Souza F. de Azevedo | UERJ)
- Pessoa (Ricardo Reis), leitor do Epicurismo (Diogo Ballestero F. de Oliveira | UFJF)
- Ovídio no Twitter (Pablo de M. Moreira da Silva; Bárbara Gonçalves da Silva; Fernanda Cunha Sousa; Isadora de Souza Belli e Luiza Diniz Araújo | UFJF)

Sessão 6 – Sala 2027 – 16:15-18:15

- Autoria das *Declamações Maiores* (Leticia Machado Miranda | UFJF)
- Declamação Maior IV, de Pseudo-Quintiliano: a tragédia (in)evitável (Isadora de Souza Belli | UFJF)
- O gênero declamatório e o caso das abelhas na Declamação maior 13 de Pseudo-Quintiliano (Ana Clara Vizeu Lopes | UFJF)

23/06/2022

Sessão 7 – Sala 2007 – 14:00-16:00

- *Antígona* e os (des)caminhos da resistência (Ana Carla Souza Ferreira; Eliana Conceição Perini; Luís Gustavo Caetano Caldeira | UFJF)
- Górgias enganador: seria a ἀπάτη estado de inferioridade do interlocutor perante o rétor? (Luís Gustavo Caetano Caldeira | UFJF)
- Madrastras de Sofistópolis: paralelos entre o drama trágico e a retórica escolar (Jefferson da Silva Pontes | UFJF)

Sessão 8 – Sala de Videoconferências da Pós-Graduação - 14:00-16:00

- El diálogo entre las Musas y el iniciado. “¿Qué ves cuando me ves?” Elementos visuales en *Teogonía* 1-116 (Maria Cecilia Colombani | Universidad de Moron / Univ. del Mar del Plata)
- Sobre as origens de Roma: uma análise de “Desde a fundação da cidade”, de Tito Lívio e “Eneida”, de Virgílio (Adílio Junior de Souza | URCA)
- Da ópera ao podcast: a rainha Dido como heroína trágica nas adaptações do canto IV da "Eneida" de Virgílio (Isadora Lima Ramalho | UFC)
- *Polemou kai makhēs*: a retórica combativa em oposição ao diálogo no *Górgias* de Platão (André Bomfim Mynssen Coelho | UFMG)

Sessão 9 – Sala 2007 – 16:15-18:15

- O doce mel da poesia de Lucrécio como libertação da alma (*anima*) (André Fernandes Silveira | UFJF)
- Sêneca e a escravidão (Bruno Amaro Lacerda | UFJF)
- Reconhece-se que era a mãe de Alexandre: o retrato de Olímpíade no "Epítome das 'Histórias Filípicas'", de Justino (Jéssica Frutuoso Mello | UFJF)
- Os fundamentos da justiça no *De Officiis* de Cícero (Lucas de Souza Lima Campos | UFJF)

Sessão 10 – Sala 2009 – 16:15-18:15

- Uso de materiais multimodais para a aprendizagem de latim – foco no ensino de vocabulário (Filipe Cianconi Rodrigues | UFJF)
- Advérbios de modo do latim ao português: a diacronia de -mente sob uma perspectiva formal (Bianca Agrelli Rodrigues e Lydsson A. Gonçalves | UFJF)
- Um diálogo entre a tradição teológica e a etimologia: o termo latino *gratia* e o conceito de graça (Rubia Campos Guimarães Cruz; Lydsson Agostinho Gonçalves | UFJF)
- Representações na epístola mítica: diálogos genéricos nas *Heroides* de Ovídio (Jéssica Rodrigues de Oliveira | UFJF)

ENCONTRO DO CIRCEA

21/06/2022, 14h00 – 16h00 (LILi)

- Atividade restrita aos membros do Grupo de Pesquisa

Resumos das conferências

Conflict Resolution in Latin Epic

Prof. Dr. Martin Tobias Dinter (King's College London)

Latin Epic sings of arms and men and inundates its audience with many a conflict. Whilst battle techniques and manners of dying have elicited ample interest my paper in turn shall focus on how conflicts are resolved or even avoided all together. This seems counterintuitive in a genre that feeds much of its narratological energy from conflict and whose epic code of honor can only work when a sufficient number of fatalities has been achieved. My paper shall map conflict resolution strategies below onto Virgil's *Aeneid* one of the central texts of Roman culture.

There are seven main conflict resolution strategies:

1. **Avoiding:** Someone who uses a strategy of “avoiding” mostly tries to ignore or sidestep the conflict, hoping it will resolve itself or dissipate.
2. **Accommodating:** Using the strategy of “accommodating” to resolve conflict essentially involves taking steps to satisfy the other party's concerns or demands at the expense of your own needs or desires.
3. **Compromising:** The strategy of “compromising” involves finding an acceptable resolution that will partly, but not entirely, satisfy the concerns of all parties involved.

4. **Competing:** Someone who uses the conflict resolution strategy of “competing” tries to satisfy their own desires at the expense of the other parties involved.
5. **Collaborating:** Using “collaborating” involves finding a solution that entirely satisfies the concerns of all involved parties.
6. **Appealing:** One party imploring/ asking the other to meet their needs and end the conflict
7. **Commanding:** One party which is of a higher rank/status orders the other to do what they have asked and the lower status party complies.

By applying the framework above to the *Aeneid* I intend to establish what norms for conflict resolution the *Aeneid* aims to project and shall tease out instances in which categories overlap or in which conflict resolution remains unsatisfactory. A (very brief) look at Virgil’s Epic Successor will showcase epic’s response to the model set by Virgil.

Irene: un libro de trabajo basado en la literatura clásica para la resolución de conflictos

Prof. Dr. Ronald Forero Álvarez (Universidad de la Sabana,
Chía, Colombia)

El objetivo de esta conferencia es presentar el proyecto *Irene* que tiene como finalidad la elaboración de un libro de trabajo para la asignatura escolar *Cátedra para la Paz* en colegios colombianos. El libro está complementado con un plan curricular que les permita a los docentes de secundaria su implementación en el aula. Las lecturas y actividades del libro proporcionan a los estudiantes herramientas para la resolución no violenta de conflictos. Las secuencias didácticas buscan que el aprendizaje conjugue modelos de la literatura clásica y experiencias cotidianas de los estudiantes con el fin de generar una reflexión profunda sobre situaciones conflictivas de difícil resolución. De esta manera, el libro es un instrumento para promover la lectura crítica, el diálogo, la reflexión y la escritura creativa. El material también está diseñado con ilustraciones llamativas y una diagramación que permita a los estudiantes trabajar con agrado y comodidad en el aula. Una vez finalizado el proyecto, la propuesta didáctica en su totalidad representará un aporte a la construcción de paz en las escuelas colombianas gracias a su concepción pedagógica integradora.

Clássicos para quem? Definindo novos cânones para o Brasil do século XXI

Profa. Dra. Leni Ribeiro Leite (University of Kentucky)

Continuando uma discussão apresentada em Londres em 2019, em que sugerimos o uso do Neolatim como uma forma de criar pontes entre os Estudos Clássicos e alunos universitários brasileiros, esta comunicação se propõe a apresentar e discutir como usamos os conceitos de cânone e clássico com alunos da Universidade Federal do Espírito Santo, de forma a ressaltar as dinâmicas de criação e negociação de identidades de grupos sociais, bem como de pertencimento e direito de posse de bens culturais e de poder, implicados nas escolhas das obras ditas clássicas. Trazendo para o diálogo conceitos de autores como Dalvi, Bloom e Avelar, questionamos, junto com os alunos, os critérios implícitos usados na criação de livros didáticos, currículos e seleção de obras para escolas e faculdades. O objetivo foi ressignificar a ideia de Estudos Clássicos para alunos brasileiros do século XXI, levando em consideração as dimensões individual, social e histórica da experiência de leitura, de forma que fossem incluídas suas próprias histórias, seus conflitos e suas memórias pessoais.

O diálogo como teatro dos conflitos

Profa. Dra. Alice Bitencourt Haddad (UFF)

A partir principalmente de *Academica* (*Varrão e Luculo*) e *De finibus*, pretendemos mostrar como para Cícero, um representante da Nova Academia, é importante que um tema filosófico seja exposto na forma dialógica do confronto de ideias. Crítico ao procedimento da reprodução das doutrinas de uma escola ou de um mestre, ele traz seus rivais (representantes de escolas diferentes) para discutirem com o personagem Cícero, construindo uma narrativa afinada com a proposta de destacar argumentos opostos, inspirada, segundo ele (*Varrão* 46), nos livros de Platão.

Conflitos éticos e morais na construção mítico-literária de Reia Silvia

Profa. Dra. Kátia Teonia Costa de Azevedo (UFRJ)

Reia Silvia, primeira personagem feminina de grande protagonismo no período mítico romano, reúne em seu corpo a antinomia do corpo sacro-profano, um corpo notável pela castidade, pela maternidade heroica e que suporta as marcas de inúmeras violências. Tomando como base passagens da *Eneida* de Virgílio, das *Odes* de Horácio e dos *Fastos* de Ovídio, fontes escritas por autores masculinos, e apoiada em estudos de autoria feminina, proponho refletir sobre a configuração da personagem Reia Silvia, observando o seu papel como sujeito moral, o uso político do seu corpo e sobre a concepção e a apropriação do corpo feminino da personagem Reia Silvia pelo discurso ideológico masculino romano na preservação da harmonia social e política (Joshel, 2002; Staples, 2004; Langlands, 2006; Azevedo, 2017).

Resumos dos minicursos

Guerra e *lógos* em Górgias de Leontini

Daniela Brinati (Doutoranda em Filosofia – UFMG)

O atual curso tem como objetivo explorar as reflexões acerca do discurso (*lógos*) que o *Tratado do não ser*, o *Elogio de Helena* e a *Defesa de Palamedes* apresentam; de forma a considerar se tais reflexões indicam que o debate seria visto por Górgias como uma guerra a ser vencida.

Opera: arte total – O teatro grego como fonte e inspiração

Prof. Esp. Rodolfo Vieira Valverde (IAD/UFJF)

Em fins do século XVII, no auge do humanismo italiano, artistas e intelectuais florentinos tentam emular o teatro clássico grego. Em seu desconhecimento e movidos por suposições, criam um novo gênero que, em sua síntese de música e drama, redefine a arte ocidental: a Ópera.

História da Linguística na Antiguidade: um capítulo sobre Santo Agostinho

Prof. Dr. Fernando Freitas (UFJF/prof. substituto)

Neste minicurso abordaremos como os saberes gramaticais e dialéticos presentes nas considerações de Santo Agostinho (século IV-V d.C.) configuram um capítulo da História da Linguística na Antiguidade. Utilizaremos, para isso, alguns dos fundamentos teóricos e metodológicos da Historiografia Linguística.

Resumos das comunicações

(Em ordem alfabética por primeiro nome de autor(a))

Sobre as origens de Roma: uma análise de “Desde a fundação da cidade”, de Tito Lívio e “Eneida”, de Virgílio

Adílho Junior de Souza (URCA)

Este estudo, de caráter bibliográfico, se propõe a analisar “*Ab Vrbe condita*”, de Tito Lívio, e “*Aeneis*”, de Virgílio. Os objetivos centrais são: discutir a origem de Roma sob o viés histórico e literário, a fim de observar as semelhanças/diferenças entre os dois relatos; compreender a história de Roma a partir de uma análise crítica da narrativa. Para apreciação das fontes, consultamos: Leoni (1961), Paulo Martins (2009), Cardoso (2011), Grimal (2011) e Beard (2020), além das traduções de Peixoto (1989), Alberto (1993), Mendes (2008) e Nunes (2016). O estudo aponta que a história, sob o olhar de Tito Lívio, é envolta de uma atmosfera mítica, uma vez que os elementos são mitológicos e lendários. Assim, na historiografia romana, há um fio tênue entre aquilo que é história real o que não é. O mesmo se aplica à epopeia de Virgílio, há muito de história/mitologia/lenda, para além do que é ficcional.

Palavras-chave: História de Roma; *Ab Vrbe condita*; *Aeneis*; Tito Lívio; Virgílio.

***Antígona* e os (des)caminhos da resistência**

Ana Carla Souza Ferreira (graduação/UFJF)

Eliana Conceição Perini (UFJF)

Luís Gustavo Caetano Caldeira (graduação/UFJF)

Na história clássica grega e ao longo da história ocidental, conceitos operacionais e enunciados do poder e fórmulas da razão judicial se disputarão e se sucederão em registros diferenciados pela filosofia, literatura, pelas artes e ciências. Da invocação de uma justiça contra a aplicação estrita da lei, colhem-se argumentos de direito em *Antígona* de Sófocles. Na tragédia, em particular nas disputas entre Antígona e Creonte, Antígona busca, na prudência das leis não-escritas dos deuses, a “razão” de uma circunstância de ação sob outra. Com a teoria dos enunciados de poder de Foucault, destacam-se fórmulas políticas e de direito em formação no discurso de Antígona. Por meio da aplicação do método hermenêutico na revisão bibliográfica efetuada, objetiva-se a releitura da tragédia sofocliana. O trabalho constata que, se este movimento estabelece nova realidade das coisas, o faz pelo apoio e pela força de poderes hegemônicos difusamente incrustados na resistência enunciativa de Antígona.

Palavras-chave: *Antígona*; Resistência; Enunciados; Foucault.

O gênero declamatório e o caso das abelhas na Declamação maior 13 de Pseudo-Quintiliano.

Ana Clara Vizeu Lopes (graduação/UFJF)

O presente trabalho propõe uma breve discussão acerca dos principais pontos do gênero declamatório e sua função como atividade intelectual da elite romana e exercício retórico fundamental aos jovens oradores. Para tanto, o texto busca a análise da Declamação 13 presente no compêndio de dezenove discursos judiciais ficcionais, as *Declamationes Maiores*, atribuído a Pseudo-Quintiliano. Na acusação em questão, um homem pobre criador de abelhas sofre com os danos causados pelo vizinho rico que, incomodado com o enxame usufruindo de seu jardim, encharca as próprias flores com veneno e extingue toda a colmeia. Assim, o trabalho preza por elucidar alguns pontos principais sobre as declamações usando como exemplo a Declamação maior 13 e suas características mais importantes.

Palavras-chave: Declamações, Pseudo-Quintiliano, retórica.

***Polemou kai makhēs*: a retórica combativa em oposição ao diálogo no *Górgias* de Platão**

André Bomfim Mynssen Coelho (pós-graduação/UFMG)

O objetivo central é responder a questão-problema: se retórica e diálogo se opõem no *Górgias* (como comentadores defenderam e como parece explicitado já no começo da obra, 448d), com a primeira sendo combativa e bélica (como nas primeiras palavras do diálogo, *polemou kai makhēs*) e, o segundo, filosófico e construtivo, como se explica a retórica verdadeira (517a) – sugerida no final do diálogo (503a-b) – que aparentemente visa o aperfeiçoamento do ouvinte (504c-e) em vez da sua derrota? Através de método hermenêutico inspirado no livro *Plato on the Rhetoric of Philosophers and Sophists* (MCCOY, 2008), atento às relações entre os personagens, às contruções dramáticas, literárias e retóricas do diálogo e às intertextualidades com outras obras de Platão e de seus antecessores, encontra-se como resultado a possibilidade de a retórica verdadeira ser um intermediário útil entre a retórica tradicional (bélica) e o diálogo (filosófico e benéfico aos seus participantes).

Palavras-chave: Retórica, *Górgias*, Platão.

O doce mel da poesia de Lucrecio como libertação da alma (*anima*)

André Fernandes Silveira (graduação/UFJF)

Nosso trabalho tem por objetivo geral estabelecer uma relação entre o poema *De Rerum Natura* do poeta-filósofo romano Tito Lucrecio Caro (99-54 a.C) e a mensagem filosófica que, aos olhos do poeta, tem uma finalidade essencialmente libertadora dos temores que afligem a alma (*anima*) e o ânimo (*animus, mens*), objetos do canto III do poema. Além disso, procuraremos examinar três pontos específicos que permeiam o poema para fortalecer nosso objetivo geral: 1. Os aspectos formais do poema de Lucrecio, em hexâmetros datílicos típicos da poesia épica, e elementos didáticos que pressupõem um mestre (*magister*) e um discípulo (*discipulus*). 2. Em que medida a melancolia que perpassa os versos do poema de Lucrecio tem por fundamento o sistema filosófico que se defende, a saber, o de Epicuro. 3. Como a forma poética adotada por Lucrecio auxilia a transmissão do conteúdo filosófico de maneira a libertar a alma dos temores infundados.

Palavras-chave: poesia; libertação; alma.

Ἰσοκράτην παράδειγμα τῆς ῥητορικῆς τέχνης φέρειν: os usos da obra de Isócrates na *Retórica* aristotélica

André Rodrigues Bertacchi (UFJF)

Embora testemunhos antigos indiquem uma rivalidade entre Isócrates e Aristóteles, a obra do autor é uma das mais citadas na *Retórica* aristotélica como modelo a ser seguido na composição de discursos. A comunicação visa a explorar os sentidos da citação de Isócrates na obra de Aristóteles, examinando as passagens em que os discursos isocráticos são citados por Aristóteles.

Palavras-chave: Retórica antiga; Isócrates; Aristóteles.

Ralé Homérica: expectativas sobre escravizadas do sexo feminino na *Odisseia*

Anna Clara Figueiredo Lima (graduação/UFJF)

Esta pesquisa quer vislumbrar como operam as relações de poder na *Odisseia* e revelar algo do imaginário que integra a ideologia aristocrática subjacente ao poema. Propõe-se a pensar como essas relações de poder e seu valor simbólico implicam expectativas associadas à classe no período em que circulavam os poemas homéricos, o que se deixa revelar pela interpretação aristotélica da escravidão, que, a partir das investigações de Thalmann (1998), muito compartilha do que já se desenha na *Odisseia*. Além disso, as questões de gênero, atravessadas pela categoria classe, muito contribuem para um olhar cuidadoso para escravizada do sexo feminino, a despeito da retórica aristotélica de que os escravos seriam propriedade, não diferenciados como "homens" e "mulheres". É inegável a importância de Homero para todo pensamento que lhe é posterior, o que torna este trabalho fundamental para conceber a sociedade homérica, mas também a Grécia que florescerá ao longo dos séculos.

Palavras-chave: *Odisseia*; gênero; classe; relações de poder; imaginário.

“O golpe tá aí”: o ardil de Hera e a conjuntura do casamento no canto XIV da *Ilíada*

Bárbara Gonçalves da Silva (pós-graduação/UFJF)

O presente trabalho tem como objetivo discutir, a partir de novas perspectivas interpretativas, a figura da deusa Hera e seu papel no decorrer da Guerra de Troia, para que, assim, seja possível confrontar a imagem pejorativa perpetuada em relação à deusa, como sendo apenas a esposa descontrolada e vingativa de Zeus. Para isso, a análise foi feita com base, principalmente, nas ações e estratégias da deusa retratadas nos versos de 153-353 do Canto XIV da *Ilíada* homérica, também conhecido como “O engano de Zeus”. Assim, foi possível perceber que Hera, embora tenha tido sua imagem reduzida aos interesses de Zeus por muito tempo, não deve ser vista como uma esposa passiva que age apenas com base nos interesses do marido, uma vez que o trecho estudado demonstra que a deusa procede fundada em suas próprias inclinações e tem um papel fundamental para a mudança de cenário na guerra naquele momento.

Palavras-chave: Homero; *Ilíada*; Hera; épica.

Advérbios de modo do latim ao português: a diacronia de -mente sob uma perspectiva formal

Bianca Agrelli Rodrigues (pós-graduação/UFJF)

Lydsson Agostinho Gonçalves (pós-graduação/UFJF)

Este trabalho investiga a relação diacrônica entre as formações X-mente no latim e no português, sob a perspectiva da Morfologia Distribuída (HALLE & MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997). Em latim, X-mente é uma construção adverbial, formada pelo substantivo feminino mens no caso ablativo - mente - e um adjetivo, que concorda com ele. Em português, a construção é um advérbio, formado pelo adjetivo feminino e a desinência -mente. Nas duas línguas, a formação expressa a semântica básica “de modo X”. O desenvolvimento de “mente” de nome a marcador de advérbio é comumente analisado como uma instância de gramaticalização (HOPPER & TRAUGOTT, 2003). Defendemos que o uso recorrente dessa estrutura em latim fez “mente” ser reanalisado como um advérbio; porém, como a gramaticalização é um processo gradual, “mente” preserva algumas propriedades subjacentes, como o traço de feminino, que desencadeia concordância no adjetivo. É, portanto, uma categoria mista (ALEXIADOU, 1997).

Palavras-chave: advérbios; gramaticalização; diacronia; Morfologia Distribuída.

Sêneca e a escravidão

Bruno Amaro Lacerda (UFJF)

Na Carta 47, Sêneca explica ao seu amigo Lucílio as razões pelas quais crê que os senhores deveriam tratar seus escravos com docilidade e até como amigos. O texto é um interessante testemunho de que os romanos, mesmo quando adotavam uma postura benévola para com os escravos, não viam a escravidão como um instituto a ser abolido, ainda que reconhecessem sua discrepância da ordem natural. Assim, Sêneca argumenta que eles devem ser bem tratados porque são vítimas da Fortuna (que também pode desfavorecer homens livres no futuro), porque partilham com os seus senhores uma origem comum e, sobretudo, seguindo o entendimento estoico, por sua escravidão ser involuntária, quando a pior forma de servidão é aquela que se escolhe para si (*nulla servitus turpior est quam voluntaria*), mas não porque sua condição é, por princípio, indigna de um ser humano.

Palavras-chave: Sêneca; escravidão; justiça.

Piedade aos olhos do poeta e do filósofo: dois confrontos com a tradição

Chafei de Paula Aiex (graduação/UFJF)

Em *Eumênides*, Ésquilo narra a justificação de Orestes perante os deuses após o cometimento de um matricídio. A peça encerra-se com as Erínias, deusas que buscavam cumprir a vingança familiar, gradativamente aceitando o desfecho do caso. Já em *Eutífron*, Platão narra o fortuito encontro entre Sócrates e o personagem homônimo, que deseja acusar seu pai de um assassinato injusto e assim se livrar de uma punição divina. Após desenvolvimentos dialéticos sobre a ideia de piedade, Sócrates – publicamente acusado de impiedade – enfim dissuade o jovem adivinho de seu intento. Embora muito distintas, as obras se utilizam de casos extremos para ilustrar a questão da piedade, ambas dialogando a concepção religiosa predominante, mas com propostas de solução diferentes. Pretendemos expor os pontos de contato e as divergências entre as abordagens, a fim de auxiliar a melhor entender a inserção desses textos no quadro total da religiosidade grega da época.

Palavras-chave: Ésquilo; Platão; piedade, justiça.

A aquisição dos primeiros princípios nos *Analíticos Posteriores* de Aristóteles

Christiano Pereira de Almeida (pós-graduação/UFJF)

No último capítulo do Livro II dos "Analíticos Posteriores", Aristóteles apresenta, de maneira bastante sintética, como aconteceria a aquisição dos primeiros princípios imediatos (τὰς πρώτας ἀρχὰς τὰς ἀμέσους), em um processo que teria início na indução (ἐπαγωγή) e culminaria na apreensão de formas mais gerais (τὰ καθόλου), permitindo, assim, estabelecer princípios para as demonstrações empregadas tanto na técnica quanto na ciência. Partindo da exposição desse tema, o presente trabalho pretende analisar o papel exercido pela parte sensível da alma, passível de ser afetada, no estabelecimento dos princípios das demonstrações, uma vez que esses seriam, por sua vez, indemonstráveis. Para isso, recorreremos à análise do texto aristotélico, buscando, quando necessário, auxílio nas discussões a respeito desse tópico no seu tratado "Sobre a Alma".

Palavras-chave: Aristóteles; senso-percepção; conhecimento.

Pessoa (Ricardo Reis), leitor do Epicurismo

Diogo Ballesterio Fernandes de Oliveira (pós-graduação/UFJF)

Por meio de análise textual, e tomando como objeto de estudo um texto poético, pretendo demonstrar como o poeta português Fernando Pessoa (1888-1935) soube ler o Epicurismo à luz da Modernidade. Seu modo de ler alarga a discussão da obtenção dos prazeres, alicerce do Epicurismo, como também alarga a discussão do que seria o homem na modernidade. A análise textual dará ensejo também para a discussão de alguns tópicos pertinentes ao Epicurismo.

Palavras-chave: Fernando Pessoa; Epicurismo; poesia; filosofia.

Uso de materiais multimodais para a aprendizagem de latim – foco no ensino de vocabulário

Filipe Cianconi Rodrigues (pós-graduação/UFJF)

O ensino de latim no Brasil sempre enfrentou questões envolvendo materiais didáticos e as metodologias utilizadas nas aulas, seja porque há um número menor de materiais disponíveis, seja porque algumas metodologias estão desatualizadas em relação ao nosso meio digital atual. Utilizar materiais multimodais digitais para o ensino de línguas já é uma realidade quando se trata de idiomas modernos, mas fica um degrau abaixo quando o assunto é o ensino de línguas clássicas. Assim, diante da necessidade de atualizações e adaptações no ensino de latim, nossa proposta é demonstrar ferramentas com as quais os professores de línguas clássicas possam criar atividades e compartilhar seus materiais didáticos, como, por exemplo, jogos dinâmicos e materiais interativos que podem dispor de uma melhor forma de retenção e compreensão dos conteúdos estudados.

Palavras-chave: multimodalidade; latim; vocabulário; aprendizagem.

Releitura da feiticeira homérica Circe em Madeline Miller

Gabriela Souza Farias de Azevedo (pós-graduação/UERJ)

Este trabalho compara a Circe de Homero (*Od.*, X) e a releitura contemporânea de Madeline Miller (*Circe*, 2019). A maga homérica ressurge em Miller como uma mulher que encontra sua identidade através da magia. Confirma-se, no percurso da personagem, o que Stéphanie Madureira (2020, p. 298) denominou “processo discursivo”, em que a imagem da feiticeira associada a uma mulher perversa é capaz de minar a virilidade (*Od.*, X, vv. 299-301) e transformar homens em animais. Tal visão se coaduna à da filósofa italiana Silvia Federici (2019, p. 69), que defende a hipótese de apropriação deste mito pela demonologia para justificar o “medo da sexualidade descontrolada das mulheres”. Em Miller, encontramos uma tentativa de desvincular a representação maléfica de Circe e, conseqüentemente, da figura da bruxa. Isso nos permite identificar uma preocupação de autoras contemporâneas em reescrever personagens femininas na perspectiva de Virginia Woolf (2019, p. 15): mulheres escritoras urgindo por “alterar valores estabelecidos”.

Palavras-chave: *Odisseia*; Circe; Madeline Miller.

Profecia e alteridade nas aventuras de Odisseu (*Odisseia*, 8-13)

Gustavo Henrique Montes Frade (UFMG)

Um tema importante nas viagens de Odisseu para além das sociedades conhecidas é a expectativa de encontro com o familiar rompida por uma violenta descoberta da alteridade. Ao mesmo tempo, por serem tão características da representação da experiência humana na poesia grega arcaica, as profecias são exploradas narrativamente para tratar a experiência também fundamental da alteridade. A partir de uma leitura atenta das cenas em que se mencionam as profecias recebidas por Polifemo, Circe e Alcínoo, pretendo mostrar como o tema da profecia aproxima do familiar seres que são fundamentalmente outros ou que vivem de maneira própria e diversa. Isso acontece para (1) humanizar o ciclope como preparação para a sua prece final, (2) aproximar Circe de Odisseu no momento de fragilidade temporária que leva à união sexual, (3) amplificar emocionalmente a separação definitiva dos feácios das águas navegáveis.

Palavras-chave: Homero; *Odisseia*; profecia.

A necessidade do outro na busca do autoconhecimento e da liberdade no *Primeiro Alcibiades*: uma análise crítica.

Igor Fernandes Lopes (graduação/UFJF)

Nessa comunicação lançaremos bases e observações a respeito da leitura do *Primeiro Alcibiades* de Platão na tradução de Carlos Alberto Nunes, propondo o destacamento dos trechos onde o diálogo em questão discute as relações entre liberdade, justiça e conhecimento na necessidade da presença de outrem.

Palavras-chave: Platão; *Primeiro Alcibiades*; Liberdade.

Declamação Maior IV, de Pseudo-Quintiliano: a tragédia (in)evitável

Isadora de Souza Belli (pós-graduação/UFJF)

O presente trabalho analisa a Declamação Maior IV, de Pseudo-Quintiliano, relacionando seu contexto de produção na Roma imperial, sua recepção no século XXI e seu diálogo com a estrutura trágica, de forma a entender o que essa produção pode revelar sobre o ensino de retórica e o papel social da temática sobrenatural na literatura do período. As *Declamações Maiores* são o registro de exercícios retóricos que faziam parte da formação do orador romano, o qual construía argumentos de defesa e acusação a partir de algum caso jurídico apresentado pelo mestre. Primeiramente atribuídas a Quintiliano, atualmente a hipótese de autoria coletiva insere-as em um modelo de autoria contestada, levantando questões sobre seu contexto histórico e intertextualidade. A presença de elementos nefandos, fantásticos e sobrenaturais na Declamação IV revela a tensão presente não só no ambiente familiar, mas, em última instância, dialoga com o momento político de sua produção.

Palavras-chave: *Declamações Maiores*; retórica; Roma imperial; intertextualidade; tragédia.

Da ópera ao podcast: a rainha Dido como heroína trágica nas adaptações do canto IV da "Eneida" de Virgílio

Isadora Lima Ramalho (pós-graduação/UFC)

No canto IV da *Eneida* de Virgílio, a rainha Dido, se vê apaixonada por Enéias. Segundo Guimarães (2013), esse foi o seu erro trágico: colocar em primeiro lugar o sentimento e o prazer de um amor ilícito em detrimento do seu cargo de soberana. Essa trágica história de amor inspirou inúmeras adaptações ao longo dos séculos, como a ópera “Dido and Aeneas” (1689) de Henry Purcell e a radionovela “A Eneida é uma fanfic” (2021) de Isadora Ramalho. O objetivo desta comunicação é mostrar um elo entre as trajetórias de heroína trágica de Dido, considerando as recepções, gêneros e contextos-sócio históricos. Foram analisados o canto IV da *Eneida* (tradução de Manuel Odorico Mendes), a montagem de 2020 da ópera e o segundo capítulo da radionovela. Concluiu-se que Dido segue uma jornada trágica e as adaptações expõem as mesmas temáticas, embora influenciadas pelos contextos nos quais estão inseridas.

Palavras-chave: Dido; Virgílio; Henry Purcell; radionovela.

Madrastas de Sofistópolis: paralelos entre o drama trágico e a retórica escolar

Jefferson da Silva Pontes

As declamações têm se revelado um profícuo campo de pesquisas no âmbito dos estudos clássicos, seja em aspectos retóricos intrínsecos ao gênero declamatório, ou em questões intertextuais e intergenéricas. Nessa última vertente, sabe-se que, enquanto os dramas trágicos pautam problemas a serem resolvidos em uma catarse comum, as declamações pautam-se sob problemas que exercitarão a engenhosidade do orador em treinamento. A apresentação dessas adversidades, entretanto, se dá por meio de paradigmas trágicos, personagens outrora conhecidos pelos mitos e suas representações dramáticas que, conforme julgamos, inspiravam os Mestres na criação de personagens como a madrasta, que encontra seu equivalente trágico em Medeia, por exemplo. Através dessa apropriação de paradigmas trágicos, novas histórias são contadas nas tramas declamatórias com *personae* arquetípicas do universo trágico, aproveitadas como modelos para colorir o esboço fornecido pelo Mestre. Nosso intuito, na presente comunicação, é discutir reminiscências de modelos trágicos, protagonizados por madrastas, engendrados nas madrastas de algumas controvérsias de Calpúrnio Flaco.

Palavras-chave: madrastas; Sofistópolis; declamações; Calpúrnio Flaco.

Reconhece-se que era a mãe de Alexandre: o retrato de Olímpíade no "Epítome das 'Histórias Filípicas'", de Justino

Jéssica Frutuoso Mello (pós-graduação/UFJF)

Redigido no início da Era Comum, o “Epítome das ‘Histórias Filípicas’ de Pompeio Trogo”, de Justino, é uma obra em que, segundo o prefácio, seu autor se dedicara a escolher de sua fonte os fatos dignos de conhecimento. Assim, há conflitos, alianças e mudanças de sorte de figuras que se destacaram – positiva ou negativamente – em grandes impérios, desde os assírios até os romanos. Dentre essas, Filipe II e Alexandre, o Grande, protagonizam algumas das narrativas mais longas do texto, que estão entremeadas por aquelas de Olímpíade, esposa, mãe e rainha. Tendo em mente o destaque dado a mulheres, como Semíramis e Tamires, rainha dos citas, e o julgamento explícito de características consideradas femininas, no epítome, propõe-se uma análise da construção de Olímpíade enquanto um possível *exemplum*. Nota-se certa independência de suas ações em relação aos grandes nomes que a circundam, porém, quando age como eles, Olímpíade tem “costume feminino”.

Palavras-chave: Olímpíade; “Epítome das ‘Histórias Filípicas’ de Pompeio Trogo”; Justino; *exemplum*.

Representações na epístola mítica: diálogos genéricos nas *Heroides* de Ovídio

Jéssica Rodrigues de Oliveira (graduação/UFJF)

Nosso trabalho discute as *Heroides* de Ovídio, coletânea de cartas em que o poeta apresenta um de seus característicos recursos: o de combinar gêneros distintos na composição poética, propiciando, entre outros efeitos, leituras intertextuais dessa obra. Mais particularmente, interessamos a presença da teatralidade no corpus e a maneira com que esse traço, combinado à elegia e ao formato epistolar, pode contribuir para novas leituras e abordagens do texto. Para tanto, lançamos mão de bibliografia específica para coletar dados sobre como as *Heroides* vêm sendo estudadas recentemente e em que medida a crítica considera a teatralidade nessa produção ovidiana. Entendemos que os elementos dramáticos ampliam a habilidade literária das heroínas-autoras, que escrevem não apenas para estabelecer diálogo, mas também como uma experimentação de um teatro epistolar. Já que o drama tende a dilatar as experiências narradas, essa atuação no palco que é a página lhes possibilitaria o protagonismo em suas narrativas.

Palavras-chave: *Heroides*; epistolografia; elegia; teatralidade.

Alusões à poética no *Contra os Acadêmicos de Agostinho*

João Victor de Souza Silva (graduação/UFJF)

Através da análise da obra *Contra os Acadêmicos*, o trabalho propõe identificar as alusões à poética presentes no texto. Com isso, busca-se, ao interagir com o texto, averiguar a relação entre poética e filosofia em Agostinho. Embora haja uma querela antiga envolvendo essas duas disciplinas, parece-nos viável pensar em uma possível relação amigável entre ambas. Obviamente, não se figura uma relação de interdependência, mas de submissão, pois Agostinho se mostra favorável à ideia de se submeter a poética à filosofia, pois esta, em detrimento daquela, possui uma proeminência na educação e formação do espírito humano. Dessa maneira, o trabalho se preocupará em demonstrar como a poética é usada pelo nosso autor em suas discussões filosóficas e como ele se apresenta como alguém que tenta superar a velha querela, ainda que apresente algumas críticas pertinentes.

Palavras-chave: Agostinho; poética; filosofia.

Autoria das Declamações Maiores

Leticia Machado Miranda (pós-graduação/UFJF)

O presente trabalho visa analisar a autoria das *Declamações Maiores* de Pseudo-Quintiliano, exercícios retóricos escritos durante a época imperial de Roma. Inicialmente, o compêndio, formado por dezenove discursos legais fictícios, foi atribuído a Quintiliano, um grande orador romano. Posteriormente, concluíram que esses textos foram escritos entre os séculos II-IV EC, e a autoria deles passou a ser considerada de alunos, seguidores de Quintiliano e de professores de retórica. Durante anos as declamações foram marginalizadas nos Estudos Clássicos possivelmente por causa da perda de influência que elas tinham quando eram concedidas ao escritor canônico Quintiliano. Este estudo está fundamentado no pensamento da morte do autor, proposto por Barthes (1968), e nos estudos sobre pseudepigrafia de Irene Peirano (2012). Assim, buscaremos apresentar as repercussões da mudança de autoria nas pesquisas e traduções das declamações.

Palavras-chave: *Declamações Maiores*; autoria; pseudepigrafia.

Os fundamentos da justiça no *De Officiis* de Cícero

Lucas de Souza Lima Campos (graduação/UFJF)

Cícero é um dos mais influentes autores da cultura ocidental, tendo se dedicado tanto à discussão calma da filosofia, quanto à eloquência dos tribunais. Neste sentido destaca-se a justiça, cujos fundamentos são elucidados na obra *De Officiis*. De acordo com o autor, a justiça decorre de forma mediata da honestidade e imediata do dever de conservar a sociedade dando a cada um o que é seu e possui como fundamento a boa-fé e a lealdade. Por sua vez, desta virtude decorrem duas obrigações maiores, quais sejam o dever de não fazer mal a ninguém, salvo para repelir uma ofensa e o dever de usar em comum os bens sociais, tratando como próprios somente os que nos pertencem. Não obstante, todo e qualquer agir humano pode ser pautado conforme a justiça, se o indivíduo detiver plena consciência de seus fundamentos, razão pelo qual o pleno conhecimento destes torna-se imprescindível.

Palavras-chave: Cícero; justiça; fundamentos; boa-fé; lealdade.

Górgias enganador: seria a ἀπάτη estado de inferioridade do interlocutor perante o rétor?

Luís Gustavo Caetano Caldeira (graduação/UFJF)

Górgias, retórico grego do século V a.C, tinha, como um de seus objetivos, convencer seu interlocutor por meio da persuasão de que a aparência era a realidade. Todavia, para esse interlocutor atingir o estado por ele pretendido, deveria, primeiramente, crer no belo e na vida; igualmente se deixar ser envolvido na ἀπάτη (“engano”). É a partir das contradições proporcionadas por este estado de engano que o interlocutor terá, por exemplo, condições de tomar decisões mais oportunas (καιρός). Valendo-se do método hermenêutico sobre revisões bibliográficas, objetiva-se revisitar, a partir das ideias gorgianas, como o interlocutor se posta perante um discurso persuasivo. Como resultado, atinge-se a compreensão de que o bom rétor deve se preocupar com a interação estabelecida junto ao seu ouvinte.

Palavras-chave: Górgias; engano; oportunidade.

El diálogo entre las Musas y el iniciado. “¿Qué ves cuando me ves?”

Elementos visuales en *Teogonía* 1-116

Maria Cecilia Colombani (Universidad De Moron Universidad Nacional
De Mar Del Plata UBACYT)

El presente proyecto consiste en relevar los elementos visuales y auditivos en *Teogonía* 1-116 para ver cómo juega lo visible y lo audible en Hesíodo, concebiendo la iniciación del poeta como un diálogo abierto entre él y las Musas. En primer lugar, queremos acercarnos al plexo de imágenes visuales que devuelven una pintura del Olimpo para “ver” una primera escenografía donde las Musas se vuelven dominantes. En segundo lugar, queremos “escuchar” las voces de las Diosas y la del poeta iniciado, para asistir al espectáculo auditivo plasmado en un diálogo particular. Las imágenes y las voces permeabilizan los *topoi* que sostienen la arquitectura mítica, dando cuenta de los conflictos entre el ámbito divino y el humano. La posibilidad de contacto entre ambos exige, de algún modo, un dispositivo que permita a los humanos captar las relaciones entre un mundo y otro. El diálogo aparece como una instancia que permite acercar los espacios.

Palavras-chave: Hesíodo; Musas; dialogo; conflicto.

Ovídio no Twitter

Bárbara Gonçalves da Silva (pós-graduação/UFJF)

Fernanda Cunha Sousa (UFJF)

Isadora de Souza Belli (pós-graduação/UFJF)

Luiza Diniz Araújo (graduação/UFJF)

Pablo de Moraes Moreira da Silva (pós-graduação/UFJF)

Neste trabalho, discutiremos os desafios enfrentados pela equipe do projeto de extensão “Contos de mitologia” na adaptação de suas atividades durante o período de isolamento social, tendo como objetivo a divulgação de aspectos da cultura clássica para o público não acadêmico. Para isso, analisaremos alguns exemplos dos materiais que têm sido elaborados em comparação aos que costumavam ser trabalhados presencialmente junto à escola parceira a fim de demonstrar que é possível veicular conteúdo clássico de modo descontraído, sem perder de vista os referenciais teóricos.

Palavras-chave: Extensão universitária; literatura latina; prática docente.

O duelo verbal entre Tranião e Grumião na peça *Mostelária*

Raphaella Nasser Rodrigues (graduação/UFJF)

Neste trabalho, propomos uma análise, a partir do conceito de “duelo verbal” (*verbal dueling*), de passagens escolhidas da peça *Mostelária*, do comediógrafo latino Plauto (séc. II-III a.C.). Para isso, primeiramente, apresentamos o referido conceito, contextualizando sua presença na comoedia palliata. Em seguida, passamos à análise das passagens, localizadas na primeira cena da peça, em que os escravos Tranião e Grumião se envolvem em um duelo verbal, repleto de alusões ao ambiente da peça (seja imaginário, seja cênico) e insultos, característicos desse tipo de interação entre personagens. Nossa hipótese é de que esse recurso, presente no diálogo entre os dois escravos, é estruturado a partir dos mencionados elementos alusivos, tanto nas marcações de cena (por meio do destaque do ambiente), quanto no aspecto linguístico (a partir desses vocábulos insultuosos). Ademais, o duelo verbal parece contribuir comicamente para a representação da relação entre escravos urbano e rural, por intermédio do par cidade-campo.

Palavras-chave: Plauto; *Mostelária*; duelo verbal; personagens escravizadas; *seruus callidus*.

Um diálogo entre a tradição teológica e a etimologia: o termo latino *gratia* e o conceito de graça

Lydsson Agostinho Gonçalves (pós-graduação/UFJF)

Rubia Campos Guimarães Cruz (pós-graduação/UFJF)

Este trabalho investiga as interpretações atribuídas ao termo graça – latim *gratia* – na tradição cristã. O conceito de “graça” é um dos pontos de conflito entre a perspectiva religiosa católica e a protestante. Filipe Melanchthon, reformador junto de Martinho Lutero, afirma, em seus *Loci Theologici*, que o significado de “graça” equivale ao que para os latinos significava “favor”, e não uma qualidade no indivíduo, como dizem os escolásticos. A visão escolástica acerca da graça é a que predominou no meio católico. Propomos uma análise da etimologia do termo *gratia* e seus equivalentes em outras línguas significativas na difusão e discussão das ideias teológicas (como hebraico e grego). Recorreremos, para isso, a textos de cunho teológico (como os *Loci Theologici* de 1521 e a *Suma Teológica* de Tomás de Aquino) e a pesquisas da historiografia linguística (como o trabalho de Bolin, 1999) e teológica (como a *História da Teologia* de Hägglund, 1999).

Palavras-chave: graça; etimologia; Filipe Melanchthon; Escolástica.

O “signo linguístico” no *De Magistro* de Agostinho de Hipona

Talles Augusto dos Santos (graduação/UFJF)

Ambiciona-se propiciar debates entre os fundamentos da linguística moderna e a longa tradição gramatical que a precede, e para tal respaldamo-nos no ideário de signo linguístico contido na obra *De Magistro*, de Agostinho de Hipona. O conceito de signo não é prontamente dado pelo santo, e sim desenvolvido pouco a pouco à luz da influência de diferentes filosofias, como o Platonismo, o Cristianismo e o Estoicismo. As discussões acerca do signo, sejam elas na Antiguidade ou Contemporaneidade, sempre tiveram grande prestígio, tamanha sua importância. Assim, muitos filósofos e estudiosos contribuíram para o desenvolvimento de postulados imprescindíveis ao estudo da língua e da comunicação num sentido amplo. Evidentemente uma linha de pesquisa que mescle conhecimentos como os aqui elucidados é ainda pouco explorada, nos permitindo um amplo leque de questões discutíveis, como a relação do pensamento Agostiniano com demais filosofias, como a linguística.

Palavras-chave: signo; filosofia; linguagem; Agostinho; linguística.